



APRESENTAÇÃO

Dossiê Arte e Revolução: De que Cor são os Cravos Vermelhos de Abril?

Art and Revolution: What Colour Are the Red Carnations of April?

Arte y revolución: ¿De qué color son los claveles rojos de abril?

Andrelise G. Santorum¹

0000-0003-4631-4817
asantorum@letras.ulisboa.pt

Sérgio Neto²

0000-0002-9737-0029
sneto@letras.up.pt

Marçal de Menezes

Paredes³

0000-0002-9692-5037
marcalparedes@pucrs.br

Recebido em: 18 mar. 2026.

Aprovado em: 18 mar. 2026.

Publicado em: 28 ago. 2026.

Resumo: A comemoração do cinquentenário da Revolução dos Cravos, celebrado em 2024, foi marcada por uma série de iniciativas promovidas pelos setores científico, artístico e político que chamaram a comunidade a refletir sobre a importância histórica da data. Nesse contexto, ainda a tempo de contribuir com os debates que foram suscitados em Portugal, na França, no Brasil e em alguns países africanos de língua oficial portuguesa, organizamos o *dossiê intitulado Arte e Revolução: De que Cor são os Cravos Vermelhos de Abril?* Este pretende reunir contribuições que analisem os testemunhos que a música, o teatro, a literatura, o cinema, a *performance*, entre outras formas de manifestação artística, deixaram na história sobre esse específico e complexo período que, em Portugal, é inaugurado pela Revolução dos Cravos, e que se estende até meados de 1976, no chamado "Processo Revolucionário em Curso". Considerando que, a partir da Revolução dos Cravos, entre a alegria do presente, a esperança do amanhã e o remorso do passado, os artistas portugueses precisaram aprender a lidar com a liberdade recém-conquistada, percebendo que, nesse contexto, as temáticas a ganharem voz através da arte eram outras, queremos abordar questões como: o que se altera na relação que até então existia entre as artes e a política? De que modo as diferentes formas de manifestação artística existentes em Portugal abordaram as novas temáticas que estavam agora no centro da esfera política portuguesa? Como a arte e os artistas refletiram/reagiram à própria ideia de revolução em curso? Que ecos artísticos Abril desencadeou na esfera internacional? E, ainda, como os artistas dos novos países em África (Guiné-Bissau, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique), até então submetidos ao colonialismo, terão equacionado as premissas da luta, libertação, revolução e independência?

Palavras-chave: arte e revolução; 25 de Abril de 1974; Revolução dos Cravos; Processo Revolucionário em Curso (PREC); cultura, política e memória.

Abstract: The commemoration of the fiftieth anniversary of the Carnation Revolution, celebrated in 2024, was marked by a series of initiatives promoted by the scientific, artistic and political sectors that called on the community to reflect on the historical importance of this date. In this context, and still in time to contribute to the debates sparked in Portugal, France, Brazil and some Portuguese-speaking African countries, we have organised the *dossier entitled Art and Revolution: What Colour are the Red Carnations of April?* The aim is to bring together contributions that analyse the testimonies that music, theatre, literature, cinema, and performance, among other forms of artistic manifestation, have left in history about this specific and complex period that, in Portugal, was inaugurated by the Carnation Revolution, and which lasts until mid-1976, in the so-called 'Ongoing Revolutionary Process'. Considering that, from the Carnation Revolution onwards, between the joy of the present, the hope for tomorrow and the remorse of the past, Portuguese artists had to learn to deal with the newly won freedom, realising that, in this context, the issues to be voiced through art were different, we want to address questions such as: What changed in the relationship that had previously existed between the arts and politics? How did the different forms



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a licença [CC-BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), que permite a cópia e redistribuição do material em qualquer formato e para qualquer finalidade, desde que a autoria original e os créditos de publicação sejam mantidos.

¹ -Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL/UL), Lisboa, Portugal.

² -Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP/CITCEM), Porto, Portugal.

³ -Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

of artistic manifestation in Portugal address the new themes at the centre of the Portuguese political sphere? How did art and artists reflect/react to the idea of a revolution? What artistic echoes did April trigger in the international sphere? And how did artists from the new countries in Africa (Guinea-Bissau, Cape Verde, S. Tomé and Príncipe, Angola and Mozambique), which until then had been subject to colonialism, deal with the premises of struggle, liberation, revolution and independence?

Keywords: art and revolution; 25 April 1974; Carnation Revolution; Ongoing Revolutionary Process (PREC); culture, politics and memory.

Resumen: La conmemoración del cincuentenario de la Revolución de los Claveles, celebrada en 2024, estuvo marcada por una serie de iniciativas promovidas por los sectores científico, artístico y político que llamaron a la comunidad a reflexionar sobre la importancia histórica de esta fecha. En este contexto, y aún a tiempo de contribuir a los debates suscitados en Portugal, Francia, Brasil y algunos países africanos de habla portuguesa, hemos organizado el *dossier titulado Arte y Revolución: ¿De qué Color son los Claveles Rojos de Abril?* Este dossier pretende reunir contribuciones que analicen los testimonios que la música, el teatro, la literatura, el cine y la performance, entre otras formas de manifestación artística, han dejado en la historia sobre este periodo específico y complejo de Portugal, inaugurado por la Revolución de los Claveles y que se prolongó hasta mediados de 1976, en el llamado «Proceso Revolucionario en Curso». Considerando que, a partir de la Revolución de los Claveles, entre la alegría del presente, la esperanza del futuro y el remordimiento del pasado, los artistas portugueses tuvieron que aprender a lidiar con la libertad recién conquistada, comprendiendo que, en este contexto, las cuestiones a ser expresadas a través del arte eran diferentes, queremos abordar temas como: ¿Qué cambió en la relación que había existido anteriormente entre las artes y la política? ¿Cómo abordaron las diferentes formas de expresión artística en Portugal los nuevos temas que ahora ocupaban el centro de la esfera política portuguesa? ¿Cómo reflejaron/reaccionaron el arte y los artistas ante la idea misma de que se estaba produciendo una revolución? ¿Qué ecos artísticos provocó Abril en la esfera internacional? ¿Y cómo abordaron los artistas de los nuevos países africanos (Guinea-Bissau, Cabo Verde, Santo Tomé y Príncipe, Angola y Mozambique), hasta entonces sometidos al colonialismo, las premisas de lucha, liberación, revolución e independencia?

Palabras clave: arte y revolución; 25 de Abril de 1974; Revolución de los Claveles; Proceso Revolucionario en Curso (PREC); cultura, política y memoria.

No dia 25 de Abril de 1974, Portugal testemunhou o fim da mais longa ditadura da Europa Ocidental do século XX (Rosas, 2022). Após quase cinquenta anos de repressão e vigilância constantes, as mais variadas formas de manifestação artística existentes em Portugal puderam enfim celebrar o fim da censura e respirar o ar da tão sonhada liberdade. Abril, porém, se, de um lado,

marcou o fim de um ciclo, por outro, deu início a um novo e complexo capítulo da história portuguesa: o período revolucionário, que se estende até 1976 (Pimentel, 2024).

Na verdade, Abril celebra, pois, a um tempo, a criação de um ambiente em que os cinemas portugueses lograram finalmente estreiar *O Couraçado Potemkine* (1925), de Sergei Eisenstein, mas também abriu a possibilidade de a Guerra Colonial ser abertamente analisada pela literatura, como *Os Cus de Judas* (1979), de António Lobo Antunes, ou *Non ou a Vã Glória de Mandar* (1990), de Manoel de Oliveira; aliás, como o próprio legado colonial, patenteado nas famosas fotografias de Alfredo Cunha e num outro romance de Lobo Antunes, apropriadamente intitulado *As Naus* (1988). No âmbito do teatro, não há como deixar de mencionar peças como *Liberdade, Liberdade* (1974), dos brasileiros Flávio Rangel e Millôr Fernandes, adaptada por Luiz Francisco Rebello, que levou para a cena importantes reflexões sobre a liberdade recém-conquistada, alertando sobre a importância da sua manutenção e consolidação. Nesse contexto, as plateias lisboetas puderam, enfim, presenciar a subida de Bertolt Brecht, dramaturgo até então proibido em território nacional, nos palcos portugueses, através de peças como *O Terror e a Miséria no III Reich* (1974) e *As Espingardas da Mãe Carrar* (1975). Também puderam, finalmente, assistir às novas revistas em cena, agora sem a mordada imposta pela censura em especial a esse gênero teatral, como *Pides na Grelha* (1974), de Francisco Nicholson, Mário Alberto e Gonçalves Preto, e *P'ra Trás Mija a Burra* (1975), de César de Oliveira, Rogério Bracinha, Ary dos Santos e Bernardo Santareno. Sejam elas cinematográficas, literárias ou teatrais, o fato é que essas obras, ao lado de tantas outras, exemplificam o clima de euforia inaugurado pelas "portas que Abril abriu".

A partir da Revolução dos Cravos, entre a alegria do presente, a esperança do amanhã e o remorso do passado, os artistas portugueses e africanos (dos novos países nascentes) precisaram aprender a lidar com a liberdade recém-conquistada, percebendo que, nesse contexto, as

questões a ganharem voz através da arte eram outras. Neste sentido, importa referir que, durante algum tempo, Portugal se tornou objeto de "turismo revolucionário", com muitos escritores, artistas e ativistas a visitar e a escrever sobre o país (Luís, 2024). A possibilidade de assistir à "história em direto" num país pobre e periférico, mas detentor do último império colonial, gerou um entusiasmo que influenciou o curso da Guerra Fria.

Assim, a partir de contribuições fundamentais para a historiografia, produzidas por investigadores que têm vindo a analisar o chamado Processo Revolucionário em Curso (PREC), aqui em sentido alargado, especificamente por meio dos testemunhos deixados sobre esse período na música, no teatro, na *performance*, na literatura e no cinema, pretendemos refletir sobre como as mais diferentes formas de manifestação artística existentes em Portugal, neste contexto, enquadraram tal cenário.

Os dois artigos que abrem o nosso Dossiê trazem à tona reflexões decisivas sobre a memória da Revolução. Em "Bringing the 1974 April Revolution to the Fore: Autobiographical Newspaper Columns Half a Century Later", Carina Infante do Carmo, Rita Baleiro e Sofia Andrade analisam um *corpus* de crônicas autobiográficas de autores nascidos após 1970 e publicadas em 2024 na imprensa periódica, por ocasião do quinquagésimo aniversário do 25 de Abril, observando as tensões entre a memória individual e a coletiva da Revolução. A questão da disputa da memória em torno da Revolução dos Cravos também é discutida por Carla Silva Ribeiro, em "Entre a Resistência e o Silenciamento: o 25 de Abril, os opositores ao Estado Novo e as batalhas pela memória", que ressalta o papel relevante da arte como ferramenta essencial de reimaginação do passado e de preservação dos valores democráticos.

Por seu lado, três textos respondem ao desafio de interpretar as visões da arte teatral, demonstrando o impacto da Revolução dos Cravos no teatro português. Em "Desconstruindo a nostalgia da Revolução: o Teatro da Cornucópia, entre o otimismo e a traição", Fábio Belém e

Maria João Brilhante analisam as práticas teatrais pós-revolução a partir do exemplo do Teatro da Cornucópia, destacando como as produções do grupo refletiram a transformação da sociedade portuguesa no pós-25 de Abril e abordando os novos desafios estabelecidos aos profissionais do espetáculo durante o PREC, evidenciando, por exemplo, a luta por um teatro independente e politicamente engajado. José Pedro Sousa e Paula Magalhães, em "Afinidade electivas: Carlos Porto, Mário Sérgio e uma ideia de (crítica de) teatro para a construção da democracia", também evidenciam que a defesa de um teatro como instrumento de emancipação política e cultural era de fato a nova questão a ocupar o centro dos debates acerca do teatro português após o 25 de Abril, oferecendo uma perspectiva comparativa das críticas teatrais produzidas nos periódicos portugueses do período e apontando as questões que aproximavam Carlos Porto e Mário Sérgio, bem como aquelas que evidenciavam as diferenças entre as visões dos dois críticos, sobretudo na forma como observavam o teatro de revista e as encenações de Bertold Brecht. E, por fim, fechando este bloco dos estudos de teatro e da *performance*, temos o artigo de Tiago Ivo Cruz e Paula Caspão, "O drama e a coreografia social entre o 25 de Abril e o Que se Lixe a Troika", que observa os ecos de Abril na contemporaneidade. A partir de conceitos como "drama social" e "coreografia social", somos convidados a refletir sobre as conquistas da revolução e também sobre a revolução por alcançar, compreendendo a relação do repertório cultural de Abril com a atualidade, em que canções como "Grândola, Vila Morena", marco da Revolução dos Cravos, vêm sendo constantemente reativadas.

Já o texto "Será que 'o processo revolucionário que estamos a atravessar teve efetivamente reflexo' na dança?", de Ana Bigotte Vieira, evocando o grupo de bailado *Verde Gaio*, firmemente ancorado na estética da 'Política do Espírito' do SPN/SNI, de António Ferro, procura debater a evolução, nas décadas seguintes, das novas visões artísticas do pós-guerra e das décadas subseqüentes, constituindo-se como um impor-

tante contributo historiográfico.

Dois artigos abordam a "sétima arte". O primeiro, "Os Cravos do Esquecimento: o desenvolvimento do filme *Revolução sem Sangue* como estudo de caso da intersecção entre memória coletiva, cinema e história pública", da lavra de um conjunto de autores (Ana S. Moura, Rui Pedro Sousa e Sónia Resende), busca empreender uma releitura de um filme estreado pouco antes do cinquentenário de Abril. Partindo da ideia, mais ou menos generalizada, da revolução (quase) sem sangue – mas que sucedeu a uma longa guerra colonial e de libertação, de treze anos –, foi seu objetivo questionar essa crença a partir de um quase "estudo de caso" sobre os que morreram no "dia inicial inteiro e limpo". No que concerne ao segundo texto versando sobre o cinema, assinado por Glauro Cardoso Vale, "Informar, performar: o duplo movimento em *As Armas e o Povo* com a presença de Glauber Rocha", a autora revisita uma das películas mais famosas da revolução, procurando novos aportes, mas sem perder de vista toda a especificidade da obra.

Por último, a investigadora Rita Lucas Narra, em "O «Referente Chileno» no Processo Revolucionário Português de 1974-1975: Dimensões Políticas e Culturais", com base numa multiplicidade de fontes, desenvolve o tema das reciprocidades revolucionárias que, à maneira de vasos comunicantes ou de osmose, caracterizam o processo já analisado por Traverso, ao eleger 1789 e 1917 como paradigmas. De resto, outros referenciais, além do mais recente chileno, encontraram eco no Portugal de 1974/1975, valendo a pena recordar o uso de "Vendeia/Norte" (1789), "Estação da Finlândia/Aeroporto da Portela" e "Kerenski/Mário Soares" (1917). Por sua vez, como é sabido, quando da intervenção da Troika (FMI, BCE e Comissão Europeia), no seguimento da crise das dívidas soberanas, foram comuns as palavras de ordem de Abril (também chilenas) e o cancionero regressou às ruas do país como forma de protesto. O processo é, pois, polifônico e nunca unívoco, e este artigo dialoga com o trabalho de Tiago Ivo Cruz e Paula Caspão.

Pretende-se que os textos aqui reunidos

contribuam para as discussões que vêm sendo realizadas no âmbito das comemorações dos cinquenta anos do 25 de Abril, auxiliando na reflexão sobre questões como: a partir da Revolução dos Cravos, o que se altera na relação que até então existia entre as artes e a política? De que forma os artistas refletiram a própria ideia de revolução? De que modo as novas questões que estavam no centro da esfera política – o projeto democrático português, os retornados (Delunay, 2026; George, 2024), a questão das independências e da memória da Guerra Colonial (Cardina, 2024; Loff; Cardina, 2024) – foram abordadas através das artes? Na esfera internacional, que ecos artísticos desencadeou Abril, sabendo-se que a revolução portuguesa integrou, em sentido inverso, imaginários de outros processos mais e menos contemporâneos (veja-se a influência do Chile de Allende e da Cuba de Fidel Castro e de Che Guevara)? E, finalmente, de que modo arte e artistas (re)interpretaram o significado da revolução como "locomotiva da história", para fazer uso da famosa expressão de Karl Marx (Traverso, 2021), ou, pelo contrário, reagiram, produzindo obras imbuídas de um claro cunho contrarrevolucionário e conservador?

Passando da memória para o teatro, da dança para o cinema, e encerrando com os ecos internacionais da Revolução, os artigos que integram este Dossiê nos convidam, numa palavra, a refletir sobre as múltiplas relações entre a Arte e a Revolução.

REFERÊNCIAS

- CARDINA, Miguel. O atrito da memória. Colonialismo, guerra e descolonização no Portugal contemporâneo. Lisboa: Tinta-da-China, 2024.
- DELUNAY, Morgane. Os Retornados. Lisboa: Edições 70, 2026.
- GEORGE, João Pedro. O Cemitério do Elefante Branco. Literatura, Retornados e Ficções do Império Português. Lisboa: Edições 70, 2024.
- LOFF, Manuel; CARDINA, Miguel. O 25 de Abril, 50 anos depois: memória, pluralidade e conflito. In: LOFF, Manuel; CARDINA, Miguel (org.). 25 de Abril: Revolução e mudança em 50 anos de memória. Lisboa: Tinta-da-China, 2024.

LUÍS, Rita. A revolução a que se pode ir de carro. Portugal, Espanha e os media (1974-1975). Lisboa: Edições do ICS, 2024.

PIMENTEL, Irene Flunser. Do 25 de abril de 1974 ao 25 de novembro de 1975. Episódios menos conhecidos. Lisboa: Temas e Debates, 2024.

ROSAS, Fernando (coord.). Revolução Portuguesa, 1974-1975. Lisboa: Tinta-da-China, 2022.

TRAVERSO, Enzo. Revolution. An Intellectual History. Brooklyn: Verso, 2021.

Andrelise G. Santorum

É encenadora, dramaturga e historiadora. É doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS/2023), tendo realizando o seu doutoramento sanduíche (CAPES-Print) no Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes (DHEEAA) da Universidade de Coimbra, em Portugal. Sua tese de doutorado defendida em 2023 é intitulada Palcos do Império: Teatro Português em Angola durante o Estado Novo (1930-1950). A partir das referências da História Global, e mais precisamente da História Global do Teatro, aborda questões relacionadas aos possíveis usos do teatro como instrumento recorrente da estrutura política autoritária, em uma perspectiva essencialmente transnacional. Atualmente é Investigadora no Centro de Estudos de Teatro (CET) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL/UL), e desenvolve a pesquisa intitulada Portuguese theater on overseas stages: networks between Portugal, Angola, Mozambique, São Tomé and Príncipe, Guinea Bissau and Cabo Verde (1933-1974), projeto (2023.06872.CEECIND/CP2891/CT0025) financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), DOI <https://doi.org/10.54499/2023.06872.CEECIND/CP2891/CT0025>.

Sérgio Neto

Professor auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal) e Investigador do Centro de Investigação Transdisciplinar "Cultura, Espaço e Memória". A sua investigação tem girado em torno de três temas: o colonialismo português, com destaque para o arquipélago de Cabo Verde; a história política e cultural da Primeira República Portuguesa e da Primeira Guerra Mundial; e o ensino da História, através da análise sistemática de programas e manuais escolares do ensino básico e secundário. É autor e editor de vários livros, entre os quais Revolution and (Post) War, 1917-1922. Spring and Autumn in Europe and in the World (2024) na Routledge, e artigos como "Faith, Redemption and Saudade. Civil religion and the sacred in Portuguese Theatre on the First World War" (2021), na First World War Studies. Recentemente foi cocurador da exposição "Ditadura, Revolução, Democracia" sobre o 25 de Abril.

Marçal de Menezes Paredes

Professor dos cursos de Relações Internacionais e de História e dos Programas de Pós-Graduação em História e Sociologia e Política da PUCRS. Pesquisador do CNPq e Coordenador do Laboratório de História das Sociedades Ibéricas e Americanas e Contexto Global vinculado ao PPGH/PUCRS. Foi Visiting Professor no Departamento de História da York University (Toronto, Canadá) entre 2019-2020 e em 2023-2024. É Doutor em História pela Universidade de Coimbra, Portugal (2007). É membro do comitê editorial da coleção Lusophone African World da TAGUS Press, University of Massachusetts. É membro do Executive Board da Lusophone Studies Association (York University, Canadá). Pesquisador-Associado ao Centro de Estudos do Século 20 (CEIS20) da Universidade de Coimbra e do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa, ambos de Portugal.

Endereço para correspondência:

Andrelise G. Santorum

asantorum@letras.ulisboa.pt

Sérgio Neto

sneto@letras.up.pt

Marçal Paredes

marcal.paredes@pucrs.br

Como citar este artigo:

Santorum, A. G., Sérgio Neto, & de Menezes Paredes, M. Apresentação - Dossiê: Arte e Revolução: De que Cor são os Cravos Vermelhos de Abril?. Estudos Ibero-Americanos, e49656. <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2026.149656>

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.